

Afetações da intimidade: dimensões emocionais na caracterização do consentimento e da violência sexual entre casais.¹

Iaci da Costa Jara (Unicamp/Brasil)²

Resumo: Neste texto, analiso alguns diálogos que tive com mulheres, tendo como foco a forma como acionam e articulam a intimidade sexual com seus parceiros. Busco apreender: 1) as tramas de significados estabelecidas na enunciação das trocas sexuais com seus parceiros íntimos; e 2) os elementos que circunscrevem as fronteiras entre o desejável e o indesejável, o legítimo e o ilegítimo, o consentimento e a violência em suas trocas sexuais. Observa-se como o sexo figura dentro de uma composição material complexa da vida cotidiana, em estreita relação com as tarefas de cuidado e de manutenção das relações de comensalidade e conjugalidade. Nesse contexto, a dimensão emocional se torna um demarcador de legitimidade do ato. Por fim, busco demonstrar como as noções de violência são socialmente afetadas e podem deslocar conceitos, experiências e emoções.

Palavras-chave: consentimento; emoções, estupro marital.

Nota introdutória

O “estupro marital” é um tema cuja visibilidade social vem crescendo nos últimos anos. As tentativas de nomeação e caracterização desse ato têm mobilizado noções complexas e polissêmicas. Noções que, emaranhadas por laços de afeto, comensalidade e conjugalidade, são tensionadas na produção de sentidos do cotidiano. Assim, ao me dedicar ao tema do estupro marital, não parto de um conceito prévio a partir do qual eu ou minhas interlocutoras possamos esquadrihar nossas experiências.

Anunciar essa posição parece necessário na medida em que durante a realização desta pesquisa pude ouvir de diferentes pessoas e em diferentes contextos que “tem mulher que é estuprada e nem sabe”, sem contar as vezes em que sou inquirida a fornecer um conceito, quase uma descrição técnica do que seria, afinal, o “estupro marital”. Entretanto, devo dizer que o interesse desta pesquisa é mais abrangente. Se os dicionários, enciclopédias ou manuais jurídicos precisam de conceitos mais precisos sobre os fenômenos, aqui o que interessa são os modos como as pessoas dão sentido à própria vida, como percebem e gerenciam seus cotidianos e como as dimensões emocionais integram tal leitura.

Não pretendo com isso advogar em nome de uma sobreposição dos sentidos individuais e subjetivos às categorias advindas dos esforços de leitura estrutural da

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq.

violência. Rejeitar sentidos fixos ou normativos é negar que a verdade exista em algum lugar fora dos sujeitos, apenas aguardando para enquadrar suas experiências e classificá-las entre certas ou erradas, legítimas ou ilegítimas, lícitas ou ilícitas, isso ou aquilo. Ademais, os próprios sentidos da violência mudam de acordo com a expansão das sensibilidades morais (MISSE, 2016) e dependem da ofensa de nossa própria moral (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2008).

Dessa maneira, há duas perguntas que orientam este texto. A primeira delas diz respeito às gramáticas a partir das quais as trocas sexuais entre parceiros íntimos são enunciadas e quais as tramas de significados estabelecidas nessa enunciação. A segunda questão se volta para a demarcação de fronteiras entre o consentimento e o abuso e quais elementos concorrem para a circunscrição de tais noções. Essa reflexão é feita tendo como base o material etnográfico da minha pesquisa de doutorado. Apresento alguns fragmentos de diário de campo coletados em rodas de conversas oferecidas para mulheres e também em entrevistas individuais³.

O que se troca na troca sexual

O primeiro ponto que gostaria de destacar diz respeito à embaraçada e embaraçosa mistura de trocas econômicas com atividades sexuais. Tema complexo e amplamente discutido na produção teórica feminista (TABET, 2012; CONSTABLE, 2009; PISCITELLI, 2016; GREGORY, 2011), também se fez presente nas rodas de mulheres que organizei e compus em minha pesquisa. Em meio à discussão sobre como conduziam suas vidas sexuais com seus maridos - parecia haver o pressuposto de que os homens sempre desejam ter sexo e que caberia às mulheres a administração dessa atividade -, Fabiana diz “é dia 5 e dia 20”. A fala dela gera risos na sala, mas eu não compreendo de imediato seu conteúdo. Na sequência, porém, o sentido é revelado: “Dia do pagamento é tudo arrumado, é um dia especial. As crianças tão limpinhas, não tem brinquedo pela casa. A gente já se arruma diferente”. Sua fala é corroborada por outras colegas que dizem “Claro! É pensar em mim e na minha família. Nesse dia a gente vai no supermercado, já compra um iogurte pras crianças”; “Sai pra comer fora, quando chegar come dentro”.

Essas falas, longe de representarem uma troca simples de sexo por dinheiro, podem nos ajudar a desnaturalizar tanto a atividade sexual quanto as relações

³ Para a preservação da identidade das pessoas envolvidas na pesquisa, informações como data, local e outros dados serão ocultados. Os nomes presentes neste texto são fictícios.

econômicas no interior dos relacionamentos íntimos. Se a atividade sexual não é posta na gramática orgânica, instintiva ou amorosa tampouco o dinheiro é afirmado dentro de uma dinâmica comercial. Pelo contrário, o provimento da casa, assim como o sexo, operam como elementos das práticas de cuidado e de manutenção das relações de comensalidade e conjugalidade.

Com efeito, não há nenhuma contradição entre tais atividades domésticas se as pensarmos sob a inspiração de Viviane Zelizer (2009; 2011). Segundo a autora, os laços pessoais íntimos e as atividades econômicas são comumente vistos como “esferas separadas”, ou seja, como dois campos distintos da vida social que separa, de um lado a racionalidade, a eficiência e o planejamento; de outro as emoções, a solidariedade e os afetos. Enquanto a atividade econômica integra a primeira esfera, as relações sexuais compõem a segunda e que o contato entre tais domínios contaminaria ambos, por estes representarem “mundos hostis”.

A proposta analítica de Zelizer (2009) sublinha quatro pontos:

1. A crença generalizada de que o dinheiro corrompe a intimidade bloqueia nossa capacidade de descrever e explicar como dinheiro, poder, e sexo, de fato, interagem.
2. A crença oposta – de que o sexo funciona como uma mercadoria como qualquer outra – não é melhor para ajudar descrições e explicações.
3. A intersecção de sexo, dinheiro e poder, de fato, gera confusão e conflito, mas isso ocorre precisamente porque os participantes estão simultaneamente negociando relações interpessoais delicadas e responsáveis e marcando diferenças entre essas relações e outras com as quais elas poderiam ser fácil e perigosamente confundidas.
4. Na vida cotidiana, as pessoas lidam com essas dificuldades com um conjunto de práticas que poderíamos chamar de “Boas Combinações” (ZELIZER, 2009, p. 139).

O que a autora denomina de “Boas Combinações” nos ajuda a pensar sobre as combinações que sustentam e são sustentadas pelas concepções de relacionamento compartilhadas pelos sujeitos, ou seja, as combinações viáveis. É o que parece figurar na fala de minhas interlocutoras quando articulam tais noções. De todo modo, é preciso ressaltar que essa possibilidade de leitura não significa que tais práticas são justas ou igualitárias. Tais combinações são exercícios de poder, o que é recusado aqui é o pressuposto de que um lado da equação seja compreendido *a priori* como vulnerável.

De forma semelhante, Dolores traz para o centro da discussão as tarefas domésticas. Queixa-se das exigências do marido, porém fala no plural “eles querem comida pronta, roupa lavada e ‘ai’ se não tiver”. Mirtes questiona, então, a suposta incompetência masculina frente aos serviços domésticos: “Como pode? Eles fazem de tudo, chega em casa não sabe pregar um botão”; ao que Vera complementa: “É, diz que

mulher não entende nada de tecnologia, mas eles não sabem nem ligar uma máquina de roupa, parece assim uma nave espacial”. Todas rimos. Dolores, então, diz em tom jocoso: “quando eu vejo assim, ele lavou a louça, vou ter que oferecer alguma coisa”, insinuando que esse seria um mote para o sexo.

Desse modo, mais um elemento se soma às dinâmicas cotidianas da unidade familiar. Aqui o sexo é acionado de modo equivalente às atividades de trabalho doméstico, como a lavagem da louça, assim como à manutenção financeira da família ou o provimento de momentos de lazer, como sair para fazer uma refeição fora de casa. Todas essas atividades, em conjunto, compõem um quadro onde a troca sexual do casal figura como um trabalho emocional profundamente relacionado às dimensões materiais do cotidiano. Digo materiais não como sinônimo de econômicas, mas tão materiais quanto a louça ou o iogurte das crianças, materiais tal qual o dinheiro também.

Contudo, se o campo de enunciação da troca sexual posta até aqui representa as “boas combinações” (ZELIZER, 2009), o inverso também é verdadeiro. É o que indica a fala de Fabiana: “ora, se o homem não faz o papel dele, eu não tenho que fazer o meu”. Pelo contexto de nossa conversa, o “papel de homem” ao qual ela se refere diz respeito à dedicação ao trabalho e cuja administração do dinheiro favoreça o conforto e a segurança da família; por seu turno, o papel que lhe caberia concerne às atividades de cuidado doméstico e dos filhos, bem como a retribuição afetiva e sexual a seu companheiro. Isto é, todas essas trocas colocadas em jogo são profundamente marcadas pelo gênero.

Mas não somente os elementos materiais do cotidiano entram em cena na enunciação da sexualidade do casal, a dimensão emocional parece estabelecer limites entre o desejável e o indesejável, mas também entre o consentimento e a violência. Esses limites aparecem, por exemplo, quando Margarida nos diz: “ah, se me irritar, passo um mês sem transar”. Em outras palavras, o sentimento de paz e calma, para ela, parecem necessários para o desenvolvimento da troca sexual, enquanto a irritação/raiva com seu parceiro inviabilizam a prática.

Em outro momento, depois de alguma delas trazer o tema da violência contra a mulher (nesse momento falamos sobre violências física, sexual e feminicídio), Alice conclui: “Olha, o que mulher aguenta (suspiro), tem que respeitar”. Em sua queixa, o sofrimento atribuído às mulheres em função do gênero é apontado como um elemento de merecimento de respeito. Isto é, elas demonstravam ter clareza sobre a

desigualdade social vivida pelas mulheres e o ato de suportar tal desigualdade é impregnado de valor moral. Aqui, é possível que operem os valores do cristianismo, cujo simbolismo do sofrimento como um elemento de devoção está no cerne dessa religião. De todo modo, diante de todo o sofrimento das mulheres, elas seriam merecedoras de respeito e cuidado.

Diante de todo o exposto até aqui, observa-se que, numa extensa rede de signos, quando contamos nossas histórias cotidianas estamos articulando sexo, gênero, trabalho doméstico, casamento, redes de cuidado, etc e o fazemos sempre a partir de nossos sentidos próprios. Como nos inspira Constable (2009), em vez de separar essas unidades em tópicos independentes, parece interessante perguntar o que todos esses múltiplos e variados exemplos podem nos dizer sobre o significado de intimidade para nossas interlocutoras.

Nesse ponto, a formulação de “economias sexuais” é profícua, pois nos permite pensar uma noção alargada de economia que contempla as mais variadas esferas de manutenção da vida. Trata-se de economias cotidianas que, muito além de relações de mercado, envolvem a própria manutenção da vida, incluídas as relações de cuidado e redes de reciprocidade dentro das quais circulam, entre outros, afetos, dinheiro e sexo (PISTELLI, 2016). Nesse campo, parece rentável pensar o trabalho emocional como uma *expertise*, um saber caro à gestão da vida e do cotidiano.

Do consentimento à violência: reposicionando emoções

Por fim, trago a história de Teresa para ilustrar como um mesmo ato pode ser deslocado do consentimento ao abuso como o resultado do reposicionamento de uma série de signos que apontam para as disputas simbólicas que têm sido travadas em torno da noção de “violência sexual”. Teresa é uma mulher de cerca de 30 anos que me conta, em entrevista, como revisitou algumas relações que teve com um namorado da adolescência e passou a atribuir o sentido de “violência sexual” a atos que foram vividos no passado como consentidos.

Quando Teresa me conta sobre seu relacionamento do passado, no qual veio a reconhecer a experiência do estupro, ela é enfática em destacar o “clima de tensão” que estruturava o cotidiano da relação e estabelecia uma dinâmica constante que ela descreve como “*ele nervoso e eu tentando agradá-lo para amenizar as coisas*”. Assim, o “nervosismo” de seu ex-companheiro se fazia como uma linguagem à qual Teresa respondia com o trabalho relacional de pacificação dos conflitos.

É dentro dessa mesma chave de conflito-pacificação que ela me fala sobre o sexo entre eles. Se no início do relacionamento ela tinha desejo, com o passar do tempo a troca sexual entre os dois passou a lhe causar nojo, asco. Pergunto se ela tinha alguma estratégia para evitar ou negar o ato sexual, ela me diz “*Nunca fugi. Eu fazia pra evitar problema*”. Assim, o ato de consentir tornava-se parte da negociação da relação e do trabalho emocional de pacificação do cotidiano - uma pacificação à qual era oferecida o próprio corpo.

Tento, então, apreender as fronteiras morais estabelecidas por Teresa que permitiram a reelaboração simbólica daqueles atos e quais são as noções que se movem para esse deslocamento. Pergunto a ela o que caracteriza o estupro e torna possível a passagem do consentimento ao abuso em sua experiência. Ela me responde: “*Acho que é a manipulação. Nunca foi nada de força. É uma manipulação no nível emocional e psicológico mesmo*”. Assim, sua fala me indica dois níveis de realização do ato, o nível do corpo e outro, mais subjetivo, relacionado às emoções e à psique. A gramática do consentimento perpassa o nível do corpo: a ausência de força física e a postura cooperativa assumida por ela são os elementos que possibilitam a caracterização da licitude do ato. Por sua vez, a gramática do estupro se forma no nível de sua subjetividade.

De fato, quando Teresa circunscreve a definição do estupro nos termos de uma manipulação, ela não só aponta outro nível de realização do sexo, como também fixa o ato no interior de um contexto mais abrangente que diz respeito à relação em sua totalidade. A manipulação à qual se refere está presente em toda a sua narrativa quando me conta sobre o relacionamento passado. A insegurança, a culpa, a desqualificação de seu corpo, o clima constante de tensão, ao se fazerem estruturantes da relação, transformavam o sexo em uma dádiva à qual Teresa se sentia compelida à retribuir.

Com efeito, ao ter dito a ela reiteradas vezes frases como “*Eu devo ser muito idiota por estar com você. Ninguém mais te aceitaria*” ou “*Você tem uma vulva com cara de gasta. Você acha que alguém vai te aceitar desse jeito?*” seu ex-namorado oferecia a própria relação e o sexo como dádivas. Assim, no sentido *maussiano* (1974), quando Teresa diz “*Era como se ele estivesse me fazendo um favor por transar comigo*”, sua posição nessa troca pode ser entendida simultaneamente livre e compulsória, dado o caráter híbrido das prestações e contraprestações da dádiva.

Assim, ainda que o assentimento estivesse dado através do corpo, a figura da violência se forma pelo reconhecimento da violação de Teresa como sujeito. Nesse sentido, a formação da gramática da violência, para Teresa, parece reivindicar que a dimensão emocional e corporal possam ter como baliza os seus próprios desejos. A história de Teresa nos mostra como o sentido da experiência não é autoevidente e nem pode ser tomado como acabado. Pelo contrário, a história se mantém viva nos sujeitos e faz parte do devir presente porque é socialmente *afetada*.

Algumas considerações

O “estupro marital” é um tema de grande sensibilidade social e, portanto, nos exige grande sensibilidade também para acessá-lo. Diante desse desafio, venho tentando apreendê-lo dentro de seu contexto mais amplo, isto é, buscando analisar “do que se fala quando se fala de sexo no interior das relações”. Essa reflexão tem apontado alguns caminhos de análise para seguir na pesquisa que se encontra em andamento.

Com os apontamentos compartilhados neste texto, busquei ilustrar como o sexo, nas relações de comensalidade, pode tomar contornos de trabalho emocional e de práticas de cuidado. Nesses casos, o consentimento está dado pela discursividade da comensalidade, do gênero, do matrimônio, coincidindo ou não com a discursividade do desejo e do prazer.

A dimensão emocional, por sua vez, se torna um marcador de legitimidade do ato, isso pode ser visto nos diálogos sobre o cotidiano ou no deslocamento da própria história de vida. Ademais, todo esse esforço exige que não se perca de vista as distribuições desiguais de poder, em especial aquelas que nos informam sobre o gênero e suas articulações com outras categorias de diferenciação.

Referências bibliográficas

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. Existe violência sem agressão moral? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23(67), 2008, pp. 136-146.

CONSTABLE, Nicole: “The Commodification of Intimacy: Marriage, Sex and Reproductive Labour”. *Annual Review of Anthropology* (38) pp. 49-64, 2009.

GREGORY, Mitchell. Padrinhos gringos, turismo sexual, parentesco queer e as famílias do future, In: PISCITELLI Adriana, ASSIS, Glaucia de Oliveira e OLIVAR, José Miguel Nieto. Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais. Campinas - Unicamp/PAGU, 2011 pp. 31-57

LUTZ, Catherine. Unnatural emotions: everyday sentiments on a micronesian atoll and

their challenge to western theory. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo : Edusp. 1974.

MISSE, Michel. “Violência e teoria social”. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Vol. 9, n. 1, 2016, pp. 45-63.

PISCITELLI, Adriana: Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais, *Cad. Pagu* (47), Campinas, 2016.

TABET, Paola: Through the looking-glass: sexual- economic Exchange, in: Françoise Grange Omokaro et Fenneke Reysoo: Chic, cheque, choc. Transactions aoutour des corps et stratégies amoureuses contemporaines, Actes des colloques genre de Institute des hautes études internationales et du d’veloppement, 2012, pp. 39-51

ZELIZER, Viviana. Dinheiro, poder e sexo, *Cad. Pagu* (32) Campinas, 2009.

ZELIZER, Viviana. A negociação da intimidade. Coleção Sociologia. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.